

FMS	FMS	UN
BIBLIOTECA		
Jornal		
Severino de Barros		
Data 12/05/05		
Caderno		
Apelo Salvador 4		
Assinatura		
Dafra C. B. L.		



Em vários pontos da cidade baixa, existem casarões em ruínas. Um levantamento da prefeitura indica que 70 imóveis estão nestas condições em Salvador

Casarões históricos representam risco para os que vivem próximo

Em precárias condições, imóveis estão praticamente abandonados pelos donos

Fernanda Carvalho

Em precárias condições, casarões históricos e centenários se transformam em risco para quem vive ou trabalha nas proximidades dos imóveis abandonados. Recentemente, após denunciar o descaso da proprietária com o imóvel ao lado da casa onde morava, no Largo da Palma, a artista plástica Lúcia Mascarenhas, 74 anos, pagou com a vida o abandono da casa alheia. "Ela tinha gasto um dinheiro reformando a casinha e morreu porque a dona da casa vizinha nunca se preocupou em recuperar nada, lá

lá de vez em quando alimentar apenas os cachorros", fala indignado o sobrinho da vítima, o vendedor Pedro Amorim, acrescentando que, a julgar pela fedentina, os animais devem também ter morrido de fome com o desaparecimento definitivo da dona do imóvel condenado. Desde a tragédia, ela não aparece no local.

Em resposta ao desabamento do muro lateral da casa, abandonada há mais de uma década, Pedro promete acionar judicialmente a proprietária e a prefeitura. "Minha tia tinha ligado para a Codesal várias vezes e ninguém fez nada. Acho que a grande

responsável é a dona do imóvel, mas a prefeitura tem também uma parcela de culpa", avalia, lembrando outros prejuízos. "Os ladrões da rua estão levando tudo o que restou na casa".

Mudança - Precavida, Nanci Corbacho, diretora da Escola Municipal Soror Joana Angélica, colada ao que resta do imóvel abandonado, preferiu mudar de endereço antes que uma tragédia maior acontecesse. "Os técnicos da Codesal disseram que o restante da casa podia cair em cinco minutos ou em cinco anos. Prefiro salvaguardar a vida dos alunos e funcionários", explicou a diretora,

que nos últimos dias enfrentou o desafio de transferir os 554 alunos para a Escola Vivaldo Costa Lima, no Pelourinho.

Os alunos, que ficaram sem aulas durante uma semana, retomaram as atividades na última segunda-feira, mas reclamando da mudança compulsória. "Todos nós estamos vivendo este transtorno por conta da negligência de terceiros. Na última reunião, a comunidade pediu que eu solicitasse com urgência providências à prefeitura porque todos querem que a escola volte ao funcionamento normal", destacou a diretora.

Restauração é comemorada

O responsável pelo casarão de nº 05 da Rua Visconde de Cayru, Igino Gonzaga, comemora o anúncio de restauração do imóvel de cinco andares, que está acabado por fora e oco por dentro. No lugar das janelas, árvores se enraízam pelas paredes. "O dono já deu entrada na prefeitura e a reforma deve acontecer logo", garante, mostrando orgulhoso a planta que transforma o local decadente em loja, restaurante e pousada. Mesmo sem a certeza de que continuará no ponto que aluga por uma bagatela há sete anos, o comerciante comemora a revitalização do espaço. "Acho que esta área deve ser valorizada. Tanto turista passa aqui para visitar o Elevador Lacerda e Mercado Modelo", comenta.

Sem ligar para a estética, a preocupação de quem mora no local é com a segurança. "Tenho medo de desabamento, mas como não tenho para onde ir, moro aqui há 20 anos", fala uma profissional do sexo, que mora num quarto de madeira no último andar de um outro casarão abandonado em

frente ao Mercado Modelo. No local, que mais parece um cortiço vertical, residem outras 30 famílias e muitas crianças.

Decadência - Em vários outros pontos da cidade, ruínas de imóveis são utilizadas como moradia pela população de baixa renda. Na Ladeira do Taboão, o vendedor de cafuzinho José Carlos de Jesus também tem um prédio abandonado como endereço. Do edifício de nome Império, 18 famílias vivem numa decadência gritante. "Se por fora está assim, você não imagina o bagaço que é aí para dentro", fala, mostrando paredes rachadas e caminhos de goiteiras que, em épocas de chuva, são verdadeiros rios.

"Isso aqui pode desabar a qualquer momento. A queda da fachada quase atingiu quem estava passando", conta José Carlos, que mora no local há 20 anos. "No começo pagava uma taxa de aluguel, mas depois o dono desapareceu. Não faço uma melhoria porque não tenho condição. Como não tenho jeito, fico esperando a promessa de todo prefeito que entra e não faz nada".

Trabalhadores preferem ficar

Como o imóvel número 1 da Rua da Palma, muitos outros velhos casarões localizados na Avenida Sete, Centro Histórico e Comércio oferecem risco a quem mora e quem passa. Em frente à Casa de Itália, trabalhando diante de uma pequena banca de conserto de relógio abaixo de um prédio escorado e abandonado, um humilde trabalhador não quer nem ouvir falar em risco de desabamento. "Lá em casa está bem pior. Aqui estou seguro e garantindo meu ganha-

ção", encerrou a conversa sem querer revelar o nome. Momentaneamente debaixo da marquise, o taxista Jonas Santos disse também preferir não pensar em tragédias. "É tanto casarão caindo nos pedacinhos na cidade... Na ladeira da Lapinha mesmo, tem um casarão abandonado há anos e que pode desabar a qualquer momento", alerta.

Ao longo da Avenida Sete, vários outros imóveis centenários, que abrigam no andar térreo estabelecimen-

tos comerciais, são verdadeiras ameaças. Tomando conta há oito anos do casarão de número 1.052, localizado bem em frente ao Colégio das Mercês, o relojoeiro Danilo Pereira diz pedir a Deus todos os dias para que nada aconteça ao imóvel em ruínas de onde ele tira o sustento da família. A dona, que não aparece há anos, não cobra nada de aluguel pelo ponto. Em troca, Danilo diz tomar conta da propriedade, que não interfere em nada do casarão vi-

zinho, onde ninguém mais habita ou trabalha.

Dar um jeito no telhado para acabar com as goiteiras é toda melhoria que o trabalhador autônomo pode fazer pelo imóvel centenário. Janelas quebradas, telhas faltando, paredes rachadas dão o ar de abandono que Danilo tenta disfarçar. "Trabalho só aqui na frente, mas não deixo ninguém invadir. Se eu fosse dono, venderia. Para que vou querer uma coisa velha desta?", questiona.

Prefeitura faz levantamento

Um levantamento que está sendo feito pela Secretaria Municipal de Planejamento (Seplan) indica a existência de 70 imóveis carentes de projetos de revitalização. "Em função da dimensão do problema dos casarões antigos de Salvador, a solução demanda tempo", ressalta o secretário Itamar Batista que, de antemão, avisa que a responsabilidade por acidentes causados por desabamentos de imóveis abandonados é do proprietário.

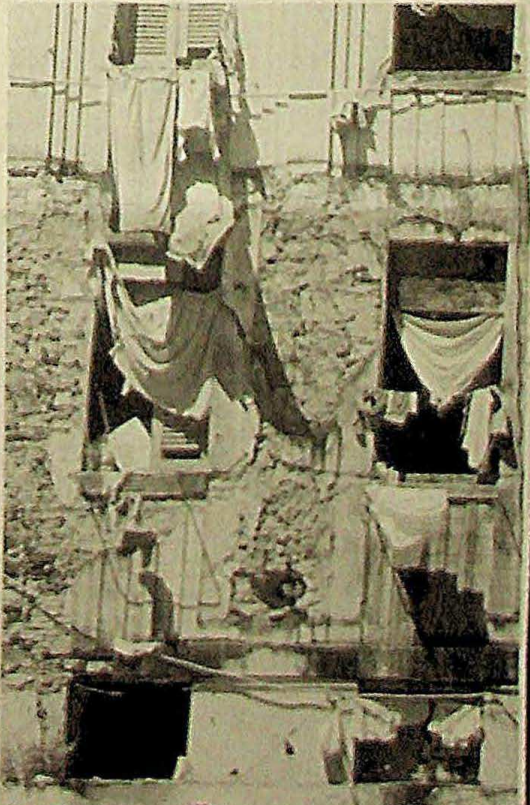
A solução, além de demorada, é difícil, já que é árdua a tarefa de identificar os donos dos imóveis centenários abandonados. Geralmente alvo de disputa de bens familiares, os casarões abandonados têm muitos herdeiros, mas ninguém interessado em assumir a responsabilidade prévia com a conservação do que resta das construções. O poder público, por sua vez, respaldado pela legislação que lhe desobriga de resolver o pro-

blema, também evita assumir este papel.

Demolição - Nesta gestão, a proposta da prefeitura é identificar os imóveis que representam risco à população, tentar contactar proprietários, cobrar recuperação. "Comprovada a periculosidade do imóvel, a Sucom vai notificar os proprietários para que tomem. Se nada for feito, o imóvel pode ser demolido", alerta o secretário, ressaltando que esta será a última opção cogitada, prin-

cipalmente pelo fato de muitos imóveis serem tombados.

Buscando parcerias com entidades internacionais que trabalham na restauração de prédios centenários, o secretário diz estar unindo esforços para atrair fabricantes não-poluíantes interessados em transformar em produtivos os imóveis abandonados na Península Itapagipana, a exemplo da Tostler e da Alfred, ocupados por integrantes do Movimento Sem Teto.



Muita gente corre riscos ao habitar imóveis decadentes